

S+

negócios **mais.**
suplemento

Este suplemento é parte integrante do Jornal de Negócios nº 2358, de 16 de Outubro de 2012, e não pode ser vendido separadamente

✓ **ENERGIA**
Um futuro gigante mundial do carvão e gás

✓ **INVESTIMENTO**
Megaprojectos dão impulso à economia

VEJA MAIS EM NEGOCIOS.PT

Moçambique, O leão africano

A economia moçambicana apresentou um desempenho vigoroso em 2011, mantendo-se como um dos países que mais está a crescer no mundo. A descoberta de importantes reservas de carvão e gás vão dar um novo impulso ao país. Depois dos Tigres Asiáticos, chegou a hora dos Leões Africanos. Saberá Portugal aproveitar esta oportunidade?



Noor Khamis/Reuters

Moçambique



Foto BHP Billiton

Sector mineiro | Uma das minas do gigante mundial BHP Billiton, parceiro do governo moçambicano na Mozal.

MERCADOS EXTERNOS

A oportunidade moçambicana

Rica em recursos naturais, Moçambique está a transformar-se numa das maiores potências económicas da África subsaariana. Saberá Portugal aproveitar esta oportunidade?

Moçambique. Uma das economias que mais cresce no mundo e um dos futuros líderes mundiais da produção de energia, nomeadamente de carvão e gás natural. Para muitos analistas, Maputo será a capital da "Nova Angola". Uma economia em franca aceleração, com enormes reservas internacionais de divisas e grandes oportunidades de investimento nas áreas da energia e dos recursos naturais, da construção e infra-estruturas, banca, seguros e consultoria.

A vizinha África do Sul e a Holanda são os parceiros comerciais mais importantes. O elevado peso dos Holandeses na estrutura das exportações moçambicanas (52,7% do total), reflecte o chamado efeito Roterdão, porto onde é desembarcada uma parte considerável das mercadorias locais destinadas à União Europeia.

Aproximidade, o desenvolvimento do país e a posição dominante na Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, justificam o peso da África do Sul.

Portugal absorveu 4,8% no total das exportações moçambicanas, ocupando a terceira posição no ranking de clientes. Outros clientes importantes são a China (3,5%) e o

Zimbabué (3,2%). África do Sul e Holanda são os maiores fornecedores de Moçambique, representando respectivamente 34,4% e 18,0% das importações totais do país. Seguem-se a Índia (6,5%), Portugal (4,3%), China (3,6%) e Japão (3,5%).

Se até 2000 os produtos agrícolas e da pesca dominavam as exportações moçambicanas, a partir de 2001 assistiu-se a uma substancial alteração deste perfil, com os mega-projectos (Mozal, Sasol e Cahora Bassa) a ganharem peso. Hoje, as principais exportações moçambicanas são o alumínio (51,7% do total devido à fundição Mozal) e por combustíveis (gás natural da Sasol, 20%). As importações são combustíveis e óleos minerais, máquinas e aparelhos, veículos automóveis e cereais.

Em 2011, o investimento directo estrangeiro (IDE) atingiu 2.093 milhões de dólares, duplicando o valor do ano anterior. Foram aprovados 261 projectos. Ao longo da última década, o IDE destinara-se maioritariamente aos designados mega-projectos, como a fundição de alumínio Mozal, o gás natural da Sasol, as areias pesadas de Moma e Chibuto, a extracção de carvão de Moatize e de Benga e a Hidroeléctrica de Cahora

Bassa. Nos anos mais recentes têm ganho expressão as entradas de capital com destino a outros sectores, como a agricultura e agro-indústria, transportes e comunicações, construção e materiais de construção, pescas e aquacultura, banca, serviços, turismo e hotelaria. O sector da agricultura e agro-indústria recebeu, em 2011, o maior volume de investimentos (787 milhões de dólares), seguido do sector dos transportes e comunicações (471,9 milhões) e obras públicas (215,7 milhões).

Em 2011, a China foi o maior investidor estrangeiro, seguida pela África do Sul e Portugal. Os 11 projectos chineses aprovados em 2011 totalizaram 312,9 milhões de dólares. O investimento da África do Sul foi da ordem de 256,8 milhões repartidos por 65 projectos e Portugal investiu 107,5 milhões em 67 projectos.

Moçambique tem ainda pouco relevância enquanto cliente de Portugal, tendo ocupado em 2011a 26ª posição no ranking, com uma quota de 0,51% das exportações portuguesas. Como fornecedor o seu posicionamento é ainda menos relevante, não indo além do 62º lugar, valendo 0,07% das importações portuguesas. Muito espaço para crescer.

FICHA DO PAÍS



DADOS E NÚMEROS

<ul style="list-style-type: none"> • Área 799.380 km² • População 23,9 milhões de habitantes (2011) • Densidade populacional 29,9 habitantes /Km² (2011) • Capital Maputo (2,0 milhões de habitantes) • Outras cidades importantes <ul style="list-style-type: none"> - Nampula (1576 mil habitantes), - Beira (442 mil), - Chimoio (273 mil), - Nacala (230 mil), - Quelimane (213 mil) - Tete (182 mil) - Pemba (175 mil) • Religião Cerca de metade da população professa religiões tradicionais 	<ul style="list-style-type: none"> africanas. A outra metade reparte-se entre cristãos (sobretudo católicos) e muçulmanos. • Língua A língua oficial é o português, mas são falados diversos dialectos africanos (Tsonga, Makua-Lomwe e Sena-Nyanja) • Unidade monetária Metical (MZN) 1 EUR = 34,68 AOA (Julho 2012) • Risco País (AAA=risco menor; D=risco maior) Risco geral: BB Risco político: BB Risco de crédito Cospec (1=risco menos; 7=risco maior): 6
---	---

Fontes: Aicop, Economist Intelligence Unit, Organização Mundial do Comércio, Banco de Portugal e Cospec

INDICADORES ECONÓMICOS

	2008	2009	2010	2011	2012	2011
População (milhões de habitantes)	22,3	22,9	23,4	23,9	24,5	25,0
PIB a preços de mercado (1000 milhões de USD)	99	98	9,6	12,0	14,3	17,5
PIB per capita (USD)		471	439	580	632	675

Economia real crescimento anual, em %	2008	2009	2010	2011	2012	2011
PIB real	6,8	6,3	6,8	7,2	7,5	7,2
Consumo privado	6,4	0,5	1,1	6,7	6,2	6,6
Consumo público	7,5	18,1	2,5	11,2	11,5	10,8
Exportações mercadorias (s/megaprojectos)		4,3	-20,5	14,4	4,0	4,4
Exportações de mercadorias		-19,1	8,7	19,0	12,3	14,2
Importações de mercadorias		-6,1	2,6	19,2	6,5	9,6
Inflação média	10,3	3,3	12,7	10,4	3,0	586

Sector Público em % do PIB	2008	2009	2010	2011	2012	2011
Receitas totais	15,9	17,6	20,6	21,9	22,2	22,6
Receitas fiscais		15,6	18,1	19,3	19,5	19,8
Despesas totais	27,8	32,6	33,6	34,6	35,2	35,5
Despesa corrente		18,0	19,0	19,3	19,8	19,9
Despesa de capital		12,9	14,0	13,6	12,1	11,9
Saldo orçamental	-2,5	-5,5	-3,9	-5,0	-6,3	-7,0
Dívida externa	36,6	37,3	37,6	33,2	32,6	33,8
Dívida pública	31,7	36,8	35,0	34,9	37,3	37,7

Balança de pagamentos em % do PIB	2008	2009	2010	2011	2012	2011
Balança comercial	-10,0	-12,8	-12,3	-11,2	-8,6	-7,7
Balança corrente	-11,9	-12,2	-11,7	-12,8	-11,6	-12,4
Reservas (meses de importações)	4,2	5,4	4,6	5,0	5,3	5,4
Donativos recebidos		9,5	9,1	7,7	6,6	6,3

Nota: USD - dólares dos EUA. Fonte: FMI, Outubro 2012

Moçambique

ECONOMIA

Chegou a hora dos "leões africanos"

A economia moçambicana apresentou desempenho vigoroso em 2011, resistindo bem à crise e mantendo-se como um dos países que mais está a crescer no mundo

Grant Lee Neuenburg/Reuters



O presidente Armando Guebuza | A estabilidade política é um factor em que Moçambique ganha vantagem sobre outros países da África Austral.

GEOPOLÍTICA

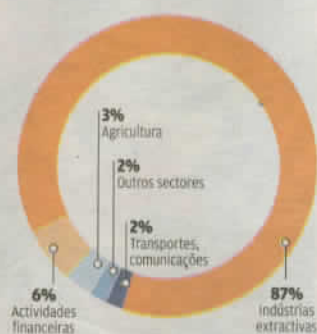
Um futuro gigante mundial da energia

Moçambique é encarado como um caso de sucesso entre as economias africanas e tem assumido um papel cada vez mais determinante no contexto da África Austral, atendendo ao seu potencial como fornecedor de energia para a região.

Beneficiando de uma localização estratégica, o país é considerado uma plataforma de entrada nos mercados da SADC

A ATRACÇÃO PELAS MINAS

INVESTIMENTO ESTRANGEIRO POR SECTOR EM 2011



Fonte: FMI

As minas de carvão e os projectos de gás natural estão a mudar o perfil da economia moçambicana.

É uma espécie de milagre económico da África oriental. De um dos países mais pobres do continente, arrasado por uma guerra civil que se prolongou durante década e meia, Moçambique aparece hoje no topo das tabelas dos países que mais crescem em todo o mundo. Os últimos dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), actualizados este mês, indicam que a taxa média de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), entre 2004 e 2008, foi de 7,8% ao ano. E confirmam que, desde então e resistindo bem à crise económica mundial, o ritmo da economia se tem mantido em torno dos 7% ao ano, devendo acelerar para 8,4% em 2013. O segundo melhor desempenho do continente, logo a seguir à Gâmbia.

O fortíssimo crescimento das economias da África subsaariana de hoje só é comparável ao milagre económico que viveram, há duas décadas, a Coreia do Sul, Singapura, Taiwan e outros países do sudeste asiático, na altura baptizados como "tigres asiáticos".

Em Moçambique, as boas colhei-

tas agrícolas e um sector mineiro em franca expansão justificam os bons resultados de 2011, ano em que arrancou a extracção de carvão, dando início a um ciclo de mega-projectos na área que transformarão o país num dos maiores produtores africanos de energia.

Enquanto, por um lado, a produção de carvão está a acelerar gradualmente, em paralelo com a expansão das infra-estruturas de transportes, é provável que a descoberta de enormes depósitos de gás natural offshore leve à produção em larga escala e ao início de exportações de gás natural liquefeito já a partir de 2018. Isto aumenta as perspectivas de grandes receitas para a administração pública e poderá ter repercussões noutros sectores, dinamizando o desenvolvimento industrial em toda a economia. Outros sectores muito activos neste momento são as comunicações, os transportes, a construção, o turismo e os serviços financeiros.

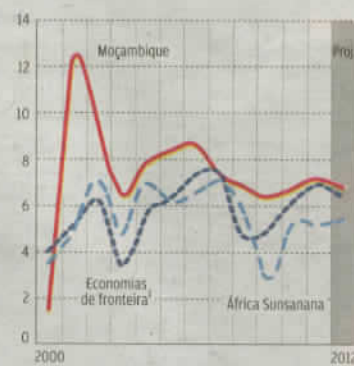
A evolução favorável dos preços internacionais, a boa produção nacional de bens alimentares e a valo-

rização do metical, contribuíram para o controlo da taxa de inflação, que se deverá manter com um dígito, beneficiando também de uma política monetária mais apertada.

Na frente externa, os dados preliminares indicam que as exportações e o Investimento Directo Estrangeiro (IDE) mantêm um enorme dinamismo. Além do sector financeiro e das infra-estruturas, o IDE está sobretudo interessado nos mega-projectos no sector dos recursos naturais. Liderado por estes mega-projectos, directamente fomentados pelos Estado, o investimento directo estrangeiro em 2011 mais do que duplicou em relação a 2010. Tudo somado, o défice da balança corrente com o exterior é de 13% do PIB e as reservas em divisas internacionais cobrem agora cerca de 5 meses de exportações. E se a pujança dos "Tigres asiáticos" os transformou hoje em países desenvolvidos e com elevados níveis de vida, pode acontecer que amanhã Moçambique e os países vizinhos sigam o mesmo caminho. Será este o destino destes "Leões africanos"?

MOÇAMBIQUE CRESCE MAIS

CRESCIMENTO ANUAL DO PIB, EM %



Unidade: % | Fonte: FMI

De acordo com os registos do FMI, a economia Moçambicana está não só a crescer a um ritmo mais forte que a média da África subsaariana, como a bater o conjunto dos países vizinhos com que faz fronteira.

(Southern African Development Community), que agrega cerca de 250 milhões de consumidores.

A distribuição sectorial da economia moçambicana é diversificada. O sector agrícola tem um peso preponderante, contribuindo com 26,9% para o PIB. Seguem-se a actividade financeira (14,4%), indústria transformadora (13,1%), comércio e serviços (12,2%), transportes e comunicações (11,7%), administração, educação e saúde (9,7%), electricidade e água (5,2%), construção (3,8%), hotelaria e restauração (1,8%) e indústria extractiva (1,2%).

Atendendo aos vastos recursos minerais disponíveis, particularmente em termos de carvão e gás natural, e aos projectos de investimento já em curso nestas áreas, é expectável que a energia venha a ganhar um peso muito mais significativo na estrutura económica do país. Já em 2014, o sector mineiro poderá ter uma contribuição para o PIB superior a 10%.

Moçambique

DIOGO GOMES DE ARAÚJO, CEO DA SOFID

“O aumento de capital vai dar-nos uma nova dimensão”

A Sofid, sociedade do Estado e dos 4 maiores bancos portugueses para financiar à internacionalização de empresas, vai gerir um fundo para Moçambique

Em que consiste a Sofid?

É uma instituição financeira, membro integrante da EDFI - European Development Financial Institutions, e congénere de outros bancos de desenvolvimento, como o Banco Africano de Desenvolvimento, o Banco Mundial ou o Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento. Somos regulados pelo Banco de Portugal e a única coisa que nos distingue de outros bancos é que não podemos aceitar depósitos. De resto prestamos serviços financeiros, emprestamos dinheiro, emitimos garantias e investimos em empresas portuguesas que se pretendam internacionalizar para quaisquer países emergentes e em vias de desenvolvimento. Além de Moçambique, temos operações aprovadas em Angola, Brasil, Marrocos, África do Sul e México, tendo em pipeline ainda operações noutros países, como Cabo Verde e Peru.

Dado o mandato de apoiar a internacionalização sustentada de empresas para países de elevado potencial de crescimento, foi-nos atribuída a gestão do Investimoz - Fundo Português de Apoio ao Investimento em Moçambique.

Que tipo de projectos apoia?

O Investimoz é um fundo de investimento exclusivo para Moçambique. Criado a partir das negociações da venda de Cahora Bassa, o Estado Português dispôs-se a reinvestir 94 milhões de euros em projectos empresariais que contribuíssem para o crescimento da economia moçambicana. O Fundo destina-se a apoiar todo o tipo de empresas luso-moçambicanas que, além de serem viáveis, contribuam para o desenvolvimento sustentável de Moçambique, nomeadamente com criação de emprego, transferência de competências, substituição de importações, pagamento de impostos e, em última instância, reduzindo a pobreza.

Como avaliam as potencialidades da economia moçambicana.



Diogo Gomes de Araújo | O CEO da Sofid espera poder mobilizar recursos financeiros internacionais.

A economia moçambicana está a crescer de forma consistente há mais de uma década, sendo que tudo indica que as bases para este crescimento elevado se manterão por muitos anos, devido à exploração de importantes jazidas de gás, carvão e petróleo. No entanto, Moçambique permanece um país pobre, e o desenvolvimento económico e social não se consegue através de megaprojetos, mas sim do investimento privado de pequena e média dimensão, que crie emprego. Há falta de empresas em praticamente todos os sectores, desde a agricultura à indústria, passando pelas infra-estruturas, comércio e serviços. Acresce que o país é praticamente da dimensão da Europa Ocidental, o que faz com que haja diferentes oportunidades em Maputo, no Sul, ou noutros pontos do território, como em Tete, na Beira ou em Pemba.

Como se combina o apoio dos bancos com os da Sofid? Não há duplicação?

Só intervimos num projecto quando os seus promotores ou os bancos parceiros acreditam que a Sofid acrescenta valor à operação, ou seja, é adicional. O facto de sermos especialistas em financiar empresas que pretendam investir a médio e longo prazo em países com elevado risco ajuda a banca tradicional, pouco vocacionada para fazer este tipo de operações,

principalmente se estivermos a falar de PME. Esta realidade está subjacente à própria origem da Sofid, quando os quatro maiores bancos portugueses se juntaram ao Estado para criar uma instituição financeira especializada, focada apenas em apoiar e financiar projectos de investimento com maturidades até 10 anos, em países com elevado potencial de crescimento/risco.

Como se financia a Sofid?

Neste momento os fundos vêm exclusivamente dos nossos accionistas. Ora como a banca portuguesa não tem acesso aos mercados financeiros internacionais, tem sido igualmente impossível obter funding para as nossas operações de crédito. A solução passou por oferecer um produto substitutivo de crédito que não consume liquidez: a emissão de garantias a favor de um banco local que financie integralmente um projecto, numa óptica de partilha risco, possibilitando melhores condições de financiamento para o promotor. No entanto, quando a banca local não tem apetite para financiar um determinado projecto, a solução passa pela concessão de crédito directamente, neste caso consumindo liquidez. Como 2012 vai ser um ano recorde - com mais contratações do que nos primeiros quatro anos de actividade -, vamos propor um aumento de capital

que nos permita providenciar alguma liquidez e, por outro, ganharmos dimensão para mobilizar recursos financeiros internacionais. A nossa congénere alemã, por exemplo, está a financiar-se a taxas de juro negativas, o que significa na prática que os investidores estão a pagar para lhes guardarem o dinheiro. Com capacidade para financiar a uma maior dimensão será possível captarmos esses fundos para projectos promovidos por empresas portuguesas.

Entre o leque de accionistas, qual o papel que cabe ao Estado e a cada um dos bancos? Não há conflitos de interesses?

Os nossos accionistas criaram a Sofid para fazer face a uma falha de mercado. Não havia em Portugal quem financiasse investimento directo português no exterior, de médio e longo prazo, em países de elevado risco, como são os países emergentes e em desenvolvimento. Cabe ao Estado um papel de liderança e por isso as estratégias de cooperação e internacionalização do país são levadas em conta no nosso Plano Estratégico. Aos restantes accionistas caberá o apoio à nossa actividade. Através de parcerias e operações de cofinanciamento em projectos de interesse comum. A Sofid é vital para que Portugal tenha um instrumento financeiro de apoio à internacionalização das PME, e para que os

A Sofid é vital para que Portugal tenha um instrumento financeiro de apoio à internacionalização das PME e para que os bancos tenham uma participada focada em projectos pelos quais têm pouco apetite, dados os elevados riscos implícitos.

bancos tenham uma participada focada em projectos para os quais eles têm pouco apetite, dado o elevado risco implícito.

Há articulação entre a Sofid, a AICEP e outros organismos públicos portugueses de promoção da internacionalização de empresas portuguesas?

Em Portugal existe um problema de articulação e comunicação entre entidades do Estado, o que gera situações de ineficiência. No caso da Sofid, e para colmatar essa falha, foram nomeados para o Conselho Estratégico, os presidentes do Instituto Camões (ex-IPAD), AICEP e IAPMEI. Isto assegura que diferentes entidades com responsabilidade no apoio à internacionalização de empresas e à cooperação possam dar o seu contributo. Este ano tem corrido melhor, com uma colaboração com a AICEP e com missões diplomáticas nos principais países onde actuamos. Mas é importante continuar a melhorar esta relação. Por exemplo, após dois anos sem termos tido sucesso, espero que este ano possamos participar no encontro anual de embaixadores organizado pelo MNE. Imagine-se a quantidade de investidores que os nossos embaixadores recebem e que, desconhecendo a Sofid, não conseguem relacionar este potencial investimento com o financiamento que a Sofid disponibiliza.

Moçambique

BANCA

Capitais portugueses e sul-africanos lideram mercado muito concentrado

O sistema bancário em Moçambique é muito concentrado, com os três maiores – Millenium bim, BCI e Standard Bank –, a somarem 79,5% dos activos totais do sistema, 81,2% dos depósitos e 81,2% do crédito.

Se somarmos o quarto maior banco, o Barclays Bank Moçambique, o grau de concentração sobe para valores próximos dos 90%. Os depósitos totais cresceram 2,47% face a 2010, para cerca de 4,6 milhões de dólares e os empréstimos aumentaram para 3,4 mil milhões, devido sobretudo ao crédito ao consumo que progrediu 23% num ano.

O Banco Internacional de Moçambique (BIM), detido pelo grupo português BCP (com 66,7% do capital) e pelo Estado moçambicano, mantém-se o maior banco do país.

O BIM tem a maior quota nos activos totais e no crédito. O Banco Comercial e de Investimentos (BCI), do grupo Caixa Geral de Depósitos (CGD) é o segundo do ranking, seguido pelo Standard Bank sul-africano.

O Barclays Bank, quarto maior banco, também é controlado por capitais sul-africanos (grupo ABSA), detém, 10% do volume de negócios do mercado.

Globalmente, os bancos comerciais a operar em Moçambique obtiveram lucros que se

O Banco Central de Moçambique autorizou entretanto a entrada em funcionamento do Banco Único, dos grupos portugueses Amorim e Visabeira, e do Banco Nacional de Investimentos (BNI), criado pela portuguesa CGD e pelo Estado moçambicano, para financiar os gran-

des projectos de infra-estruturas do país. O BES concretizou a aquisição de 25,1% do capital do Moza, através da sua participada BES Africa, em Janeiro de 2011, mantendo-se a Moçambique Capitais, de investidores moçambicanos, com 50,4%.

Em 2011, o sector foi marcado por investimentos de modernização, de diversificação e de expansão, com a entrada em actividade dos dois novos bancos referidos, três micro bancos e 43 operadores de micro crédito. F

oram abertos 37 novos balcões fazendo subir o total nacional para 453. O número de caixas automáticas ATM cresceu de 702 para 821.

No final do ano operavam em Moçambique 18 bancos comerciais, sete cooperativas de crédito, 166 operadores de micro crédito e 18 micro bancos.

PRINCIPAIS BANCOS DE MOÇAMBIQUE

- | | |
|--|--|
| 1. Banco Internacional de Moçambique
(http://www.millenniumbim.co.mz) | 11. Banco ProCredit
(http://www.bancoprocredit.co.mz) |
| 2. Barclays Bank Moçambique
(http://www.barclays.co.mz) | 12. Banco Oportunidade de Moçambique
(http://www.oibm.org) |
| 3. Standard Bank
(http://www.standardbank.co.mz) | 13. Banco Terra (http://www.bancoterra.co.mz) |
| 4. Banco Comercial e de Investimentos
(http://www.bci.co.mz) | 14. Moza Banco
(http://www.mozabanco.co.mz) |
| 5. International Commercial Bank Moçambique
(http://www.icbank-mz.com) | 15. Banco Tchuma |
| 6. The Mauritius Commercial Bank Moçambique
(http://www.mcbmozambique.com) | 16. Banco Nacional de Investimento |
| 7. African Banking Corporation Moçambique
(http://www.africanbankingcorp.com) | 17. United Bank for Africa Moçambique |
| 8. FNB Moçambique
(http://www.fnb.co.mz) | 18. Banco Único |
| 9. Socremo Banco de Microfinanças
(http://www.socremo.com) | 19. Microbanco Malanga |
| 10. Banco Mercantil e de Investimentos | 20. Caixa Financeira de Catandica |
| | 21. Caixa de Poupança Postal de Moçambique |
| | 22. Microbanco NGR |
| | 23. Yingwe Microbanco, SA. |
| | 24. The First Microbank, SA. |
| | 25. Caixa Financeira de Caia |
| | 26. Letshego Financial Services (Mcb) |

SIEMENS

Criar cidades onde vale a pena criar um futuro.
A Siemens tem soluções para as cidades em rápido crescimento de Moçambique.

Siemens é uma 'powerhouse' global no campo da engenharia electrotécnica e opera nos sectores da indústria, da energia, saúde e infra-estruturas - essencialmente para cidades e áreas metropolitanas.

Há mais de 160 anos que a Siemens é um símbolo de progresso tecnológico, inovação, qualidade e fiabilidade.

A empresa é o maior fornecedor mundial de tecnologias ambientais, com cerca de 40% das suas receitas provenientes

de produtos e soluções "verdes".

Presente em 190 países, no final de Setembro de 2011, a Siemens empregava cerca de 360 mil colaboradores em todo o mundo.

Em Portugal, a Siemens desenvolve a sua actividade há mais de 105 anos e emprega cerca de 2000 colaboradores. Com duas unidades de produção e numerosas parcerias com o meio académico, a empresa desempenha um papel activo no desenvolvimento económico do país.

siemens.com/answers

Moçambique

TURISMO

Maputo para negócios e o resto do País para praia e aventuras

Moçambique recebeu dois milhões de turistas em 2011, um crescimento de 4,4% face ao ano anterior



Turismo exclusivo | São mais de 2500 quilómetros de costas com praias, ilhas e recifes paradisíacos.

JOSÉ MIGUEL DENTINHO

O turismo é considerado pelo governo moçambicano um sector vital para o desenvolvimento do país, apesar do seu peso no Produto Interno Bruto (PIB) ser inferior a de 2%. Moçambique recebeu dois milhões de turistas em 2011, um crescimento de 4,4% face ao ano anterior. Tradicionalmente centrados na capital do país, os investimentos turísticos estão agora a expandir-se para cidades como Pemba ou Beira.

Moçambique tem uma bela linha de costa com 2500 quilómetros de extensão, com grande abundância de ilhas, praias paradisíacas e recifes. O interior está a ser desminado e a vida selvagem está a recuperar gradualmente, atraindo para os seus parques naturais cada vez mais visitantes dos países vizinhos. É preciso não esquecer que o Moçambique é também conhecido pela sua cultura, uma mistura de influências portuguesas e africanas que se pode saborear na comida e apreciar na sua música.

A marca de Moçambique como destino turístico está ser lançada por uma campanha internacional, no valor de 9 milhões de euros.

O Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo 2004-2013, em conjunto com a Lei do Turismo e a recente declaração de Quatro Zonas de Interesse Turístico, constitui um das bases da estratégia de desenvolvimento do sector. A marca Moçambique está a ser apoiada actualmente por uma campanha de comunicação

no valor aproximado de 8,9 milhões de euros, que visa atrair visitantes estrangeiros ao país.

As viagens de negócios representam o principal motivo dos turistas estrangeiros que desembarcam em Maputo. A cidade tem quatro hotéis classificados com cinco estrelas, mas estão previstos novos investimentos, até porque a permanência média dos turistas em Maputo, é de sete dias e apresenta uma tendência de subida.

Os preços médios praticados nos estabelecimentos hoteleiros em Maputo variam entre os 57 euros, para os três estrelas, e os 200 euros para os cinco estrelas.

África do Sul é o principal emissor de turistas para a capital de Moçambique, seguindo-se o conjunto dos outros países africanos. Portugal está na terceira posição, em resultado essencialmente do forte elo cultural e da ligação histórica existente entre os dois países, apesar dos preços praticados nos voos entre Lisboa e Maputo serem relativamente mais caros que outras ligações aéreas.

IMOBILIÁRIO

Procura de escritórios em maré alta

Moçambique tem despertado a atenção dos investidores devido à sua estabilidade política e ao crescimento económico verificados nos últimos tempos. Em face disso, a procura de escritórios mantém-se elevada, com os espaços dos novos imóveis a serem absorvidos rapidamente, como aconteceu com os projectos JAT2 e Millenium Park, em Maputo, que foram reservados ainda em fase de construção.

Além do sector privado, instituições governamentais e ONG's têm contribuído para a forte procura de novos escritórios em Maputo. A Avenida 25 de Setembro e toda a zona da Baixa da cidade são os principais eixos destinados ao segmento de escritórios, com os imóveis novos a atingirem os valores mais altos. Outra referência é a Avenida 24 de Julho, embora, com o registo de valores ligeiramente inferiores, mas acima do restante mercado.

No mercado de habitação, o crescimento natural da população, de cerca de 10,5 milhões de pessoas, em 1975, para 22,4 milhões, em 2010, não foi acompanhado pelo desenvolvimento do parque habitacional, o que conduziu a um défice nesta área.

Em face disso, o governo moçambicano desenvolveu um programa para a construção de 100 mil habitações em todo o país, entre 2010 e 2014. Existem em Maputo vários empreendimentos em construção em Polana Cimento A, Sommerchild e Costa do Sol. Em termos médios, o valor unitário da habitação em Maputo é de cerca de 1930 euros por metro quadro, segundo estimativas da consultora Prime Yield.

Na zona de Sommerschild o valor sobe para 2550 euros. Os preços mais elevados são os da Avenida Julius Nyerere. A oferta imobiliária actual é dirigida ao segmento médio/alto e os projectos habitacionais concentram-se nas tipologias T3 e T4, originando um défice de oferta em relação a todas as outras.

RESERVAS E PARQUES NATURAIS

Visabeira ganha lodge de luxo na Gorongosa

O grupo Visabeira ganhou a gestão do Acampamento de Chitengo, a maior infra-estrutura turística no Parque Nacional da Gorongosa, em Sofala, no centro de Moçambique.

No final do ano passado, o Ministério do Turismo de Moçambique e o Projecto de Restauração de Gorongosa seleccionaram o Grupo Visabeira, através da sua cadeia hoteleira Girassol, para requalificar e assegurar a gestão do Acampamento de Safaris de Chitengo, um investimento de cerca de 1,46 milhões de euros na reabilitação de um lodge de luxo.

A reabilitação do Parque Nacional da Gorongosa, no centro de Moçambique, representa uma das grandes oportunidades de turismo. Trata-se de uma região com grande diversidade de espécies e características ecológicas únicas, com uma área de cerca de 4.067 quilómetros quadrados.

Outra zona de conservação onde se encontram a desenvol-

Outra zona onde vai arrancar um projecto turístico é a reserva fronteiriça de Chimanimani.

ver projectos turísticos é na reserva fronteiriça de Chimanimani. Está a ser preparado um plano de desenvolvimento do turismo, que integra a construção e reabilitação de infra-estruturas, desminagem dos terrenos e instalação do sistema de comunicação. Prevê-se ainda, a elaboração de um plano de manejo da reserva, a construção de um lodge, um acompanhamento e um centro de aventura no pico do monte Binga, para além de um projecto comunitário.

SOFID

A gestora do Fundo Português de Apoio ao Investimento em Moçambique

Sociedade financia quem pretenda investir de forma sustentável e a longo prazo nos países em desenvolvimento

JOSÉ MIGUEL DENTINHO

A Sofid, Sociedade para o Financiamento do Desenvolvimento, é uma instituição financeira de crédito, criada em 2007, baseada em Lisboa, com o objectivo contribuir para o crescimento económico de países emergentes e em vias de desenvolvimento, articulando-se com a estratégia do Estado Português em matéria de economia, cooperação e ajuda pública ao desenvolvimento. O Estado é aliás o maior accionista da Sofid, com 59,9% do capital. A Elo - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e a Cooperação complementa a participação pública, com 0,01%. Os restantes 40% repartidos em partes iguais por quatro bancos portugueses: CGD, Millennium BCP, BES e BPI.

A Sofid financia empresas portuguesas e os seus parceiros locais, em projectos de investimento nos países emergentes e em vias de desenvolvimento. A sua intervenção é complementar à oferta financeira dos bancos comerciais e serviços oferecidos por outros instrumentos de internacionalização, intervindo apenas quando acrescenta valor a uma operação.

Os principais destinatários da Sofid são as pequenas e médias empresas. São os negócios com mais dificuldade de acesso ao financiamento dos seus projectos de internacionalização. "A missão da Sofid é apoiá-las com projectos de investimento sólidos e de qualidade em países tradicionalmente de maior risco", diz Diogo Gomes de Araújo, CEO da sociedade. No entanto, por razões de diversificação de carteira de projectos também financia grandes empresas e empresas estatais, desde que estas sejam geridas de forma comercial.

Esta instituição financeira empenha-se essencialmente no apoio a empresas que pretendem investir de forma sustentada, e numa perspectiva de longo prazo, em países

O Estado é o maior accionista da Sofid, onde tem como parceiros os quatro maiores grupos bancários portugueses.

emergentes ou em vias de desenvolvimento. São projectos que têm por isso "de ter subjacentes preocupações ambientais e sociais, contribuindo para aspectos como a criação de emprego, a melhoria progressiva das condições laborais e a formalização da economia, entre outras", explica Diogo Gomes de Araújo. Até ao momento, a Sofid já aprovou ou está a analisar projectos nos sectores agro-industrial, industrial, infra-estruturas (incluindo energias renováveis), turismo e financeiro.

Recentemente, foi indicada pelo Estado como entidade gestora do Fundo Português de Apoio ao Investimento em Moçambique, dedicado a promover parcerias luso-moçambicanas através do financiamento de participações de capital neste país africano.

Este ano a instituição financeira já apoiou vários projectos de investimento em Moçambique, em áreas que vão da produção agrícola ao comércio de móveis. Neste último caso inclui-se o financiamento da nova loja do Grupo Moviflor em Maputo. Também apoiou a Prio Agricultura, empresa que produz matérias-primas para a alimentação, como a soja, milho e girassol, na diversificação da sua produção para outras espécies, o feijão e o sorgo. A Higest, a Sisil e a Construções JJR & Filhos foram outras empresas, cujas afiliadas em Moçambique foram apoiadas pela Sofid este ano.



DIFERENTES JURISDIÇÕES

A MESMA EXCELÊNCIA



LISBOA



SÃO PAULO



LUANDA



MAPUTO

Uma abordagem integrada para soluções jurídicas nos países de língua oficial portuguesa.



Portuguese Law Firm of the Year

www.vda.pt



& Associados Sociedade de Advogados, R.L.

LISBOA
Av. Duarte Pacheco, 26
1070-110 Lisboa
lisboa@vda.pt

PORTO
Av. da Boavista, 3433 - 8º
4100-138 Porto
porto@vda.pt

MADEIRA
Calçada de S. Lourenço, 3 - 2º C
9000-061 Funchal
madeira@vda.pt

Moçambique

ENERGIA

Projecto de biocombustíveis da Galp começa nas plantações

Uma parte importante da produção será transformada localmente, para abastecer o mercado moçambicano e posteriormente para o mercado regional



Foto: Galp

Plantações | Em Moçambique, a Galp Energia já tem instaladas plantações de *Jatropha* para produzir óleo vegetal destinados à produção de biocombustíveis.

JOSÉ MIGUEL DENTINHO

A Galp Energia está a desenvolver um projecto de produção de biodiesel para incorporação nos seus combustíveis em Moçambique. Inclui o controlo de toda a cadeia de produção, da matéria-prima à comercialização, e é a forma de garantir a sustentabilidade ambiental e social dos projectos agrícolas envolvidos e reduzir ao máximo as emissões ao longo do ciclo de vida do produto. O projecto contribui também para o aumento da segurança de abastecimento, pela diversificação das origens da matéria-prima do grupo.

O projecto de produção de óleos vegetais em Moçambique é baseado na cultura extensiva de sequeiro de *Jatropha Curcas L.* (JCL), uma planta não usada na alimentação, para não entrar em concorrência com a cadeia alimentar, nem contribuir para o agravamento da disputa pelos solos agrícolas, e garantir em simultâneo um fornecimen-

to competitivo. Sempre que as condições dos solos e clima o permitam ou exijam poderão ser utilizadas outras culturas

Parcerias locais

Moçambique foi escolhido devido grande disponibilidade de terras agrícolas e às condições climáticas muito favoráveis das regiões tropicais e subtropicais. O projecto iniciou-se com o estabelecimento de parcerias e contratos de fornecimento de óleo vegetal. O primeiro deles resultou na constituição da empresa GalpBuzi para produzir óleo vegetal de JCL em Buzi, Sofala, onde há uma plantação com 400 hectares.

Foi também criada uma parceria com o grupo Visabeira, para a constituição da MoçamGalp, em Mocuba, Zambézia, que inclui actualmente cerca de 500 hectares de *Jatropha*.

Nenhuma das plantações atingiu ainda a fase de produção, o que

acontecerá três ou quatro anos após a sua implantação. Posteriormente deverá ser construída uma unidade de esmagamento para produzir óleo vegetal destinado à produção de biodiesel para abastecimento local.

Em ambas as parcerias está sempre subjacente o respeito pela sustentabilidade ambiental, que passa pela gestão equilibrada dos recursos naturais e implementação de boas práticas agrícolas.

Além das áreas de produção de oleaginosas, foram semeadas culturas alimentares, de forma a assegurar o abastecimento das famílias que trabalham nos projectos e das populações locais.

Adicionalmente têm sido realizadas acções para recuperação de infra-estruturas acordadas com os responsáveis locais, os régulos, como pontes e vias de acesso. Uma delas foi a recuperação da escola do Buzi, um contributo para melhorar as condições de ensino de mais de 1200 crianças na região.

A Galp dispõem neste momento de duas plantações de óleo vegetal de JCL, com uma área total de 900 hectares.

RECURSOS

Descobertas jazidas de gás natural e de minérios

Moçambique está a entrar num período de rápido desenvolvimento dos sectores mineiro e de hidrocarbonetos.

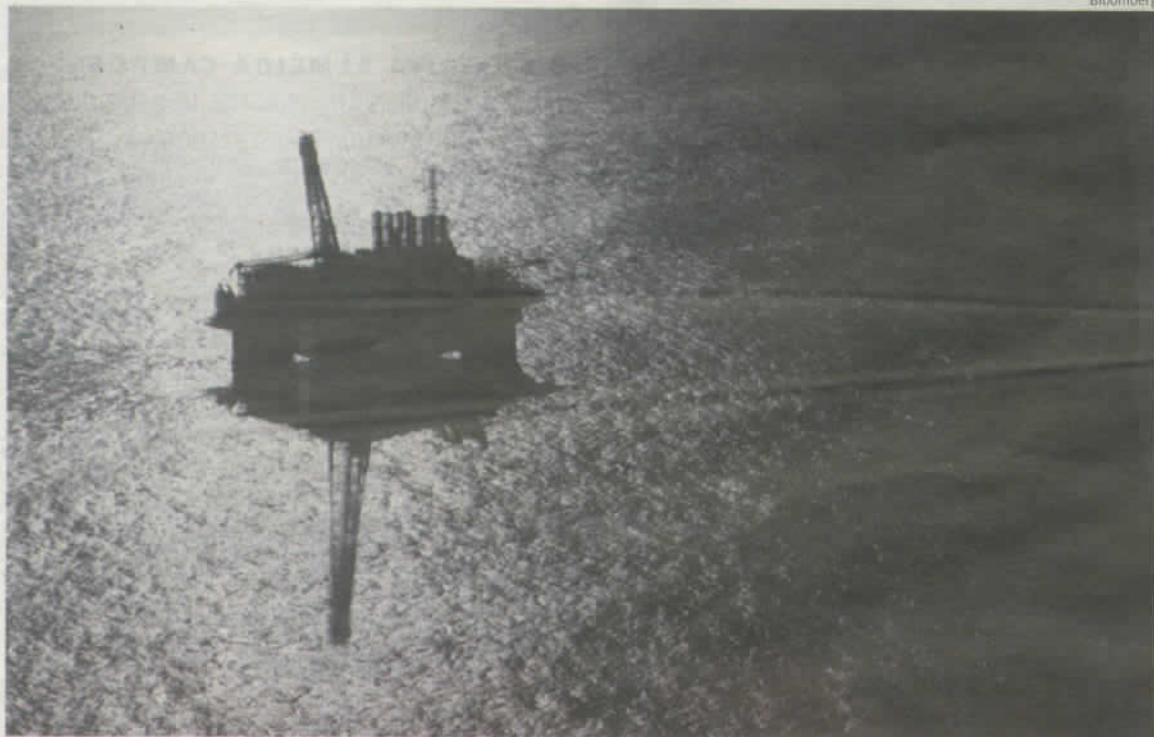
A produção de carvão, que se destina principalmente ao continente indiano, está a acelerar, em paralelo com a expansão das infra-estruturas de transportes. Além disso, prevê-se que a descoberta recente de enormes depósitos de gás natural offshore leve à produção, em larga escala, e ao início das exportações de gás natural liquefeito (GNL), já em 2018. Isto aumenta as perspectivas de grandes receitas para a administração pública obtidas com os resultados deste sector, dinamizando o desenvolvimento de toda a economia.

Até ao final do ano, a indústria extractiva do país deverá crescer 27,5%, devido principalmente ao aumento da sua produção de carvão, diatomite e ilmenite. De acordo com o Plano Económico e Social moçambicano para 2012, a expansão da produção do carvão resulta do início da exploração comercial dos empreendimentos de Benga, Cahora Bassa e Moatize, na província de Tete, estando prevista a produção de 5,8 milhões de toneladas de carvão de coque ou metalúrgico e 172 mil toneladas de carvão térmico.

Por outro lado, a produção no projecto de exploração de areias pesadas de Moma, na província de Nampula, deverá registar, em 2012, um crescimento de 34,9% da produção de ilmenite, 19,8% de zircão e 41,6% de rutilo. Já a produção de ouro deverá registar um decréscimo de 17,7%.

Relativamente às pedras preciosas e semi-preciosas, prevê-se uma subida de 150%, devido ao aumento da produção de turmalinas na província da Zambézia, bem como o reinício da produção de granadas no Niassa, no norte de Moçambique. O plano de produção de gás natural para 2012 irá manter-se inalterado ao nível de 132 milhões de gigajoules.

A caminho de se tornar um gigante mundial do gás natural



Exploração offshore | Descoberta de enormes depósitos de gás natural vai tornar Moçambique o maior produtor africano.

Produção em larga escala e início de exportações de gás natural liquefeito acontecerão antes do final da década

JOSÉ MIGUEL DENTINHO

A exploração dos recursos naturais está actualmente em franca expansão em Moçambique, onde se perspectiva o aumento dos investimentos no sector mineiro e da produção e exploração de gás natural, contribuindo para o crescimento do país.

A Galp Energia e a Empresa Nacional de Hidrocarbonetos (ENH) de Moçambique anunciaram, este mês, que vão trabalhar em conjunto na exploração de gás na bacia do Rovuma, na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique. Ao abrigo de um acordo de cooperação técnica, operacional e financeira, as instituições aprofundam, assim, os entendimentos existentes na gestão de participações nos blocos exploratórios das áreas 1 e 4 da bacia de Rovuma.

Por outro lado, o grupo norte-americano Anadarko Petroleum Corp está a negociar com os italianos da ENI a construção de uma unidade de processamento de gás natural para o desenvolvimento conjunto das reservas já descobertas na mesma área. Informações facultadas, à Dow Jones Newswires, pelo vice-presidente da Anadarko Petroleum Corp, Scott Moore, indicam que a sua construção, incluindo os gasodutos necessários para transportar o gás, tem um custo es-

timado em cerca de 11,6 mil milhões de euros.

Os dois grupos, operadores em consórcios a prospectar hidrocarbonetos em Moçambique, efectuaram já descobertas, em separado, de grandes depósitos de gás natural. A Anadarko Petroleum anunciou a descoberta de 1,43 mil milhões de metros cúbicos e, a ENI, de 1,98 mil milhões de metros cúbicos. Moçambique está a entrar num período de rápido desenvolvimento dos sectores mineiro e de produção de hidrocarbonetos do país, com prováveis e importantes implicações macroeconómicas e orçamentais no final desta década. A descoberta de enormes depósitos de gás natural offshore leve fazem prever a sua produção em larga escala e o início de exportações de gás natural liquefeito (GNL) em 2018.

A primeira Central Eléctrica a gás de Maputo começou a laborar recentemente, num investimento avaliado em 61,8 milhões de euros. O empreendimento resulta de uma joint-venture entre a britânica Agrekkko e a sul-africana Shanduka. Tem uma capacidade de produção de 107 megawatts de energia eléctrica, dos quais 15 megawatts serão vendidos à empresa pública moçambicana, Electricidade de Moçambique (EDM) e os restantes à sul-africana Eskon.

A Galp Energia e a moçambicana ENH são parceiras na exploração de gás natural na bacia do Rovuma.

A primeira central eléctrica a gás de Maputo começou a laborar este ano, te dispõe de uma capacidade de produção de 107 megawatts.

Opinião

● FERNANDO SILVA

Responsável pelo desenvolvimento de negócios internacionais da Siemens Portugal



Pelo desenvolvimento sustentável de Moçambique

No passado dia 4 de Outubro, Moçambique celebrou os 20 anos do fim do conflito armado. Este clima de paz e estabilidade social tem permitido ao país prosperar e desenvolver-se, alcançando resultados muito positivos que têm sido reconhecidos por diversas entidades internacionais. Por exemplo, segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2011 das Nações Unidas, o Índice de Desenvolvimento Humano de Moçambique aumentou o ano passado de 0,317 para 0,322, seguindo a tendência das duas últimas décadas. De facto, entre 2000 e 2011, o crescimento anual médio do IDH para Moçambique foi de 2,49%, o que coloca o desempenho deste país entre os 5 do topo no mundo.

Por seu turno, de acordo com o relatório de 2011/149 do FMI, os resultados positivos que Moçambique tem alcançado foram incentivados pelo desempenho e pelas perspectivas económicas do país, que continuam positivos graças, sobretudo, a políticas anticíclicas adequadas, que têm permitido às autoridades governamentais manter um crescimento económico dinâmico durante a crise mundial.

O desenvolvimento recente de projectos de grande dimensão no sector dos recursos naturais e o aumento do investimento público em áreas determinantes como a indústria, os transportes, os serviços e a agricultura têm sido fundamentais para a obtenção destes bons resultados, mas existe ainda um longo caminho a percorrer.

Na área da energia, por exemplo, há ainda importantes lacunas a colmatar, tanto ao nível da distribuição como da produção e transporte. O turismo, a agricultura, a rede de distribuição e tratamento de água, as infra-estruturas para os cuidados de saúde, o sector financeiro, a par de uma necessidade cada vez maior de qualificação dos recursos humanos locais, são outras das áreas a ter em atenção para garantir um desenvolvimento harmonioso e sustentável de Moçambique. Cientes destas necessidades, são já várias as empresas internacionais que têm apostado neste mercado, estabelecendo relações de parceria com as entidades locais com o objectivo de desenvolver as infra-estruturas básicas do país e melhorar consideravelmente a qualidade de vida da população.

Também a Siemens está atenta e disponível para contribuir para a adequação das infra-estruturas moçambicanas às necessidades de desenvolvimento do país, como tem já vindo a acontecer ao longo dos últimos anos em Angola. O portefólio da empresa, composto por um vasto leque de produtos e soluções de áreas tão diversas como a indústria, energia, saúde e infra-estruturas, a capacidade de engenharia das suas equipas, em particular da Siemens Portugal, ao que se junta a proximidade em termos culturais e linguísticos, irão certamente contribuir para o estabelecimento de uma parceria estratégica de sucesso, que em muito contribuirá para o desenvolvimento sustentável do país.

Relatório desenvolvimento da ONU - <http://www.mz.one.un.org/por/Noticias/Noticias/Segundo-Relatorio-de-Desenvolvimento-Humano-de-2011-Tendencias-ambientais-ameacam-o-progresso-global-para-os-mais-pobres>

Relatório FMI -

<http://www.imf.org/external/portuguese/pubs/ft/scr/2011/cr11149p.pdf>

Moçambique



Bloomberg

Agricultura | Cerca de 25% dos novos investimento foram para o sector agrícola.

INVESTIMENTO

Novos projectos criam mais de 10 mil empregos

A criação de novas indústrias resulta de medidas para desenvolver as áreas do agro-alimentar e das minas

JOSÉ MIGUEL DENTINHO

Os 144 projectos de investimento aprovados pelo governo de Moçambique no primeiro semestre do ano, poderão vir a criar mais de 10 mil postos de trabalho, de acordo com o relatório do Plano Económico e Social 2012.

O documento revela que os projectos representam um investimento de 616 milhões de euros, dos quais 229 milhões correspondem a investimento directo estrangeiro e 97 milhões a investimento local, de capitais moçambicanos.

O relatório adianta que a maior parte do valor foi canalizado para o sector de agricultura e agro-indústria, com perto de 25% do valor total, seguido da indústria, que absorveu 23%, dos serviços (19%) e da banca e seguros (17%).

A criação de novas indústrias em Moçambique resulta das medidas adoptadas pelo governo para desenvolver o sector no país, sobretudo nas áreas em que tem vantagens competitivas, como é o caso da indústria extractiva, que aproveita as riquezas naturais do país, mas também das agro-indústrias, do mobiliário e da metalomecânica.

O aumento de 186% na produção de carvão, de ilmenite e diatomite vai contribuir de forma signifi-

Os 144 projectos de investimento aprovados no primeiro semestre representam um investimento de 616 milhões de euros.

Uma missão oficial esteve na Índia a averiguar o interesse de empresários locais investirem na produção de chá moçambicano.

ficativa para o crescimento de 27,5% previsto para este ano, para a indústria extractiva em Moçambique.

Novas descobertas de recursos podem contribuir ainda mais para o desenvolvimento deste sector. Além dos grandes depósitos de gás natural, que têm despertado o interesse da indústria energética mundial, que já perspectiva fazer mais investimentos neste campo no país, achados recentes de depósitos de minérios de ferro e titânio, na província de Tete, criam mais oportunidades para a materialização de uma indústria do ferro e do aço.

Mas o país não aposta somente no aproveitamento das suas matérias-primas. A deslocação recente de uma delegação moçambicana a Calcutá, na Índia, para uma reunião com alguns dos principais intervenientes da indústria do chá deste país, teve como objectivo averiguar o interesse dos empresários indianos em investirem nas plantações de chás, em Moçambique.

Segundo o ministro moçambicano da Agricultura, José Pacheco, o país quer recuperar a potencialidade de uma indústria, que chegou a ter um elevado valor económico no país, antes da independência, em 1975. Sobretudo numa área de forte pendior exportador.

OPINIÃO



● VANDA CASCAO

SÓCIA DA ÁREA DE PROJETOS -INFRAESTRUTURAS, ENERGIA & RECURSOS NATURAIS DA VDA



● ANA RITA ALMEIDA CAMPOS

HEAD OF BUSINESS AND PRACTICE MOÇAMBIQUE DA VIEIRA DE ALMEIDA & ASSOCIADOS

O Poder do Gás

Uma simples pesquisa informática associando as palavras "Moçambique" e "Gás" revela de forma imediata a dimensão da mudança que as recentes descobertas de gás trouxeram a Moçambique, que, se antes era associado ao baixo PIB e à dependência dos doadores internacionais, agora é visto como um "Key Player" da indústria do gás a nível mundial.

Moçambique tem claramente a oportunidade de conduzir o seu destino e de se tornar uma das potências energéticas da região com crescimento mais rápido. A estabilidade política de longa data associada ao empenho das autoridades moçambicanas na atracção de investimento estrangeiro têm conseguido convencer as organizações internacionais e o sector privado de que Moçambique reúne as condições necessárias para garantir investimentos sustentáveis de longo prazo. Adicionalmente, o Governo Moçambicano tem procurado reforçar a estabilidade legal e regulatória, quer em termos gerais, quer no que respeita aos grandes projectos e concessões, grandemente alavancados por recursos naturais que diariamente se revelam sem precedentes e que estão no cerne das atenções da política governamental.

Estivemos recentemente em Maputo numa conferência sobre Gás Natural Liquefeito (GNL) e o foco na importância da existência de um quadro legal estável e transparente e de um ambiente de negócios atractivo foi transversal às apresentações, quer por parte das entidades privadas, quer por parte das entidades públicas.

Resta agora saber se os esforços legislativos em curso - e nomeadamente a actual revisão da lei dos petróleos e as alterações tributárias que presentemente se encontram em discussão para o

sector das minas e petrolífero - terão em devida atenção o facto de a dimensão e complexidade de projectos desta natureza exigirem um quadro legal robusto que se guie pelo equilíbrio adequado de protecção dos interesses de todos os "stakeholders": Moçambique é o primeiro da linha naturalmente, mas terá de assegurar a confiança de todos os investidores privados e respectivos financiadores.

No que respeita especificamente aos projectos de LNG, a respectiva viabilidade económica implica um enorme esforço financeiro e o cumprimento rigoroso e atempado das várias etapas dos projectos. É por isso crucial que a revisão em curso da lei dos petróleos (que visa essencialmente adaptar a mesma à nova realidade do gás) tenha em atenção a protecção dos atuais investidores e potenciais financiadores.

Uma outra preocupação decorrente da revisão da lei dos petróleos e que merece igualmente destaque é o reforço do desenvolvimento da economia local, reflectida, nomeadamente na disposição daquela lei que prevê que, de todo o gás extraído e vendido, uma percentagem tem de ser necessariamente canalizada para o desenvolvimento da comunidade situada no local onde o gás foi extraído (tal como aliás sublinhado no sumário executivo do Plano Director de Gás Natural para Moçambique). Em Moçambique sente-se a urgência de fazer bem e rápido. Será seguramente um tarefa que exigirá o esforço de muitos, mas que, consubstanciando um exercício que deve contar com a colaboração e intervenção do sector privado, constitui um desafio que as empresas portuguesas devem aceitar e no âmbito do qual devem estar preparadas para criar e potenciar oportunidades.